

Radicante

por uma estética da globalização

[nota de leitura]

André Camargo Thomé Maya Monteiro

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade de Brasília, na linha de pesquisa Teoria e História da Arte, sob orientação do Prof. Dr. Emerson Dionísio Gomes de Oliveira.

BOURRIAUD, Nicolas. *Radicante – por uma estética da globalização*. Trad. Dorothee de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

Palavras-chave. pós-modernidade, multiculturalismo, globalização cultural, arte contemporânea.

The Radicant

Keywords. postmodernism, multiculturalism, cultural globalization, contemporary art.

187



A presente nota de leitura tem como objetivo apresentar o livro do crítico de arte e curador Nicolas Bourriaud, *Radicante – por uma estética da globalização*. A obra busca lançar luz sobre a seguinte questão: os efeitos da globalização no campo da estética. Dessa reflexão, surge uma questão premente para os pesquisadores em arte e para os artistas da contemporaneidade: se a globalização tem promovido um rápido encolhimento do imaginário, como a arte contemporânea pode se desvencilhar da armadilha de se tornar uniforme, padronizada? A partir dessa pergunta, o autor busca uma cartografia alternativa para a compreensão da arte contemporânea que fuja das perspectivas multiculturalistas e pós-modernas que vêm sendo traçadas até então. Para tanto, Bourriaud aborda o tema de três maneiras distintas: uma primeira, teórica; uma segunda, por meio da análise da produção artística recente; uma terceira, na qual analisa os modos de produção da cultura na contemporaneidade.

O ponto de partida de Bourriaud é a delimitação teórica de um novo projeto de construção da modernidade, a *altermodernidade*, termo que o autor cunhou para descrever um sistema da arte capaz de responder aos desafios particulares do nosso século, o século XXI, e, fazer frente à padronização cultural promovida pela globalização. Segundo o autor, as teorias relativistas pós-modernas operaram na simples substituição da proposta universalista moderna, e, por outra via acabaram incorrendo a um erro semelhante: se para o universalismo moderno a história, é somente, e tão somente, a história ocidental, e por conseguinte, o não-ocidental é não-histórico, para o relativismo pós-moderno, pós-histórico, o não-ocidental continua excluído porque a história não mais importa, foi estilhaçada. Dessa maneira, o multiculturalismo pós-moderno se torna uma ferramenta tão, ou até mais, eficaz de colonialismo que a brutal e excludente proposta moderna, já que relega os artistas não-ocidentais, até então aliados, ao papel de convidados da cena cultural, negando-lhes qualquer tipo de juízo, rotulando-os por sua condição, status ou origem, de maneira tão taxativa e excludente quanto a própria negação desses sujeitos.

Sendo assim, essas teorias não conseguem abarcar a produção artística contemporânea, que, segundo o autor, segue outros caminhos, outras redes de navegação, e exigem da crítica novas formas de compreensão. Partindo dessa premissa, Bourriaud, ao refletir sobre a arte dessa nossa era precária, descreve o surgimento de uma arte radicante, onde o termo designa: “[...] pôr em cena, pôr em andamento as próprias raízes, em contextos e formatos heterogêneos; negar-lhes a virtude de definir por completo a nossa identidade; traduzir as ideias,



transcodificar as imagens, transplantar os comportamentos, trocar mais do que impor” (BOURRIAUD, 2011, p. 20).

O radicante se desenvolve contextualmente, se conforma ao solo que encontra, “se *traduz* nos termos do espaço em que se move” (BOURRIAUD, 2011, p. 50). Portanto, o sujeito contemporâneo é dividido entre sua vinculação com o ambiente, suas raízes, e seu desenraizamento, onde o adjetivo radicante é empregado para qualificar essas negociações identitárias. A radicalidade das vanguardas dos século XX, marcavam um retorno às raízes, por subtração. Em outras palavras, extirpava tudo aquilo que considerava desnecessário na busca de um princípio único, a raiz. Já o artista radicante, de nosso tempo, opta por fazer brotar suas próprias raízes à medida que avança, por expansão. O conceito de radicante, dessa maneira, implica em um sujeito cuja identidade se constitui pela trajetória. Não coincidentemente, a caminhada, a viagem, a expedição, o nomadismo, são as algumas das figuras favoritas dos artistas do século XXI.

Partindo dessa perspectiva, o autor é partidário de uma recomposição do moderno, o *altermoderno*, que, diferentemente do ideal de modernidade do século XX, fenômeno da cultura ocidental, parta de uma outra modernidade, mais plural, que leve o artista à reflexão plástica ancorada em uma visão globalizada da cultura onde as *tradições* seriam meios de conexão com o universal, por novos caminhos, viagens e expedições. Então, as obras contemporâneas seriam julgadas todas pelos mesmos critérios, gerando espaços de discussão e abrindo frente “para a cooperação entre diferentes culturas igualmente críticas de sua própria identidade” (BOURRIAUD, 2011, p. 26). Por conseguinte, a História seria reescrita por relatos plurais, onde a *tradução* se tornaria o modo ético essencial para manutenção do sistema da arte proposto, ou seja, o artista seria tradutor de si próprio, permitindo um diálogo entre linguagens e não uma sobreposição delas. O artista, hoje, se preocupa menos em expressar sua raiz, tradição; investe mais em perfazer os diversos caminhos errantes entre a tradição e os contextos com os quais se deparou. Portanto, o que importa para o artista é a direção e a velocidade, os vetores, e não o ponto de partida.

Nesse cenário o artista surge como uma figura errante, um *semionauta*, capaz de traduzir suas experiências no mar de signos que nos cerca, vinculando-os em uma trajetória cujo percurso atravessa o espaço e o tempo, resultando em uma *forma-trajeto*, uma forma que é índice de seu próprio deslocamento quadridimensional, onde a tradução recorre à topologia como forma de qualificar esses trajetos, de mapeá-los. Portanto, a produção contemporânea evoca figuras



que remetem ao deslocamento no espaço e no tempo, porque o tempo, hoje, é uma variável tão tangível quanto o espaço, e as obras de arte podem ser qualificadas como *time-specific*. Como nos lembra o autor, muitas vezes viajar é se deslocar no tempo, mudar de época, visitar a Havana dos Cadillacs rabo-de-peixe, que nos remete ao passado, ou a Los Angeles das vias expressas, que nos remete ao futuro.

Essa nova realidade descrita por Bourriaud encontra respaldo no cenário artístico brasileiro, porém subtraída do adjetivo *nova*. Por aqui, várias das características que o autor elenca, da estética radicante, podem ser verificadas já há algum tempo. Se para o autor a produção artística contemporânea, vista por uma lente macroscópica, vem aos poucos se configurando como uma arte radicante, em nosso contexto particular, o Brasil, talvez essa já seja uma realidade, correspondida e verificada pela produção artística. Podemos especular que a herança antropofágica brasileira acabou por tornar uníssonas a produção artística local e a produção artística internacional, frente à realidade do mundo globalizado. Essa poderia ser uma explicação plausível para o espaço que artistas como Tunga [1952 -], Cildo Meireles [1948 -] e Waltercio Caldas [1946 -], cujas trajetórias remetem a mais de trinta anos de produção intensa, para citar apenas alguns, têm progressivamente conquistado junto a diversas instituições no país e no exterior. Por exemplo, na obra de Tunga, *True Rouge* (1997), adentramos em um mundo regido por uma trama enraizada em diversos pontos, onde a tessitura gera ramificações e conecta múltiplos elementos que estão suspensos, em uma perfeita imagem de uma planta radicante, que permite múltiplos significados, múltiplas conexões. Essa descrição, independentemente das qualidades literárias do presente texto, se adequaria perfeitamente ao grupo de obras e artista que Bourriaud utiliza para exemplificar o surgimento dessa estética.

Se o discurso de Bourriaud, por um lado, perde o seu impacto para os estudiosos brasileiros, já acostumados com essas representações, por outro, ganha força ao amplificar algumas questões que hoje não são exclusivamente brasileiras, proporcionando um diálogo profícuo entre as diversas realidades. Nesse sentido, o livro é muito esclarecedor. Outro ponto passível de discussão sobre a obra seria se Bourriaud funda ou não um novo discurso, resposta que provavelmente seria respondida pela segunda proposição, porém, é pouco relevante, porque seu mérito é sistematizar as questões que, em nosso caso particular, ajudam a navegar pela produção artística nacional com maior profundidade.

É evidente que a proposta do autor, que muitas vezes soa como manifesto, ainda está à prova. Apesar do fôlego teórico, declarar a morte da pós-modernidade



é, sem dúvida, uma atitude ousada, e, porque não dizer, polêmica. Porém, a obra tem o mérito de reiterar que as questões de hoje ainda são frutos de inflexões de uma modernidade não superada, que nem a pós-modernidade, e, talvez, nem a *altermodernidade* consigam desvencilhar. Afinal, o discurso do livro é, em si, mais radical do que radicante; moderno, à moda do século XX. Porém, temos que considerar que não é intuito da obra dirimir todas as questões, mas colocá-las à mesa, discuti-las. E esse objetivo a obra alcança com grande efetividade.

Feita essa última observação, finalmente podemos retomar à pergunta inicial de Bourriaud: como os artistas podem se esquivar de corroborar com a homogeneização da cultura? Questionamento que o autor nos responde de maneira resolutiva: ativando o espaço através do tempo e o tempo através do espaço, em uma perfeita metáfora da radicância, de enraizamentos sucessivos, capazes de dialogar e multiplicar os diversos fluxos espaço-temporais que cruzamos em nossos trajetos, extraindo da negociação entre cultura e precariedade forças para fazer frente à economia globalizada, massificadora.

Acreditar no potencial emancipador da arte: essa é a mais importante lição que a leitura de *Radicante – por uma estética da globalização* nos deixa.

